

Semiótica e campos lexicais: uma metodologia de abordagem do texto na escola

Semiotic and lexical fields: a methodology of approach of the text in the school

Sonia Merith-Claras*

RESUMO: No intuito de contribuir com a melhoria do ensino, no que diz respeito à abordagem do texto no Ensino Fundamental, dedicamo-nos, em pesquisa de doutorado, a desenvolver uma proposta de trabalho com o texto, no que diz respeito à leitura e análise linguística. Neste texto, apresentamos uma proposta de aula de leitura, desenvolvida por nós, em uma turma de 8ª série, do Ensino Fundamental, durante processo de intervenção de nossa pesquisa. Como instrumento teórico-metodológico, utilizamos a teoria Semiótica, de linha francesa e, como estratégia de segmentação textual, optamos pela montagem de Campos Lexicais, metodologia desenvolvida por Maurand (1992) e divulgada, no Brasil, por Limoli (1997, 2001, 2005). Todas as atividades, descritas neste artigo, versam sobre o texto "Metonímia, ou a vingança do enganado", drama em três quadros, de Raquel de Queiroz. Nosso intuito, ao propor e desenvolver tais atividades, foi o de verificar a eficácia da metodologia adotada, a fim de que essa pudesse, posteriormente, ser utilizada por professores de Língua Materna. Os resultados, obtidos durante o desenvolvimento das aulas, mostraram que a Semiótica pode ser um importante instrumento teórico-metodológico para o professor, quando do trabalho com o texto em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Leitura. Semiótica. Campos Lexicais.

ABSTRACT: Aiming to contribute to the teaching improvement, concerning the text approach in the primary and secondary education, we have dedicated in the doctorate research, to develop a text approach suggestion as regards reading and linguistics analysis. In this essay, we are presenting a reading lesson suggestion, developed during the intervention process of our research, and applied in an 8th grade class of the secondary education. The theoretical-methodological toll used was the French Semiotics theory, and the text segmentation strategy used was the Lexical fields, a methodology developed by Maurand (1992) and spread in Brazil by Limoli (1997, 2001, 2005). All the activities described in the essay are related to the text "Metonímia, ou a vingança do enganado" a three scene drama, written by Raquel de Queiroz. Our objective, presenting and developing these activities, was to verify the efficiency of the

* Possui mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2003) e doutorado (em andamento) pela mesma Instituição. Atualmente é professora da Associação de Ensino Superior de Pitanga (UCP). E-mail: somerith@bol.com.br

adopted methodology in order to be used by mother language teachers. From the data got during the lessons development, it can be seen that the Semiotics can be an important theoretical-methodological toll to teachers that are working with texts.

KEYWORDS: Teaching. Reading. Semiotic. Lexical Fields.

Introdução

O nível de ensino, no que diz respeito ao domínio da Língua Materna, dos jovens brasileiros, tem sido pauta de diferentes discussões e publicações, não só no meio acadêmico como, também, na imprensa. Isso se dá, muitas vezes, devido ao baixo índice dos alunos em exames nacionais, ou melhor, pelas habilidades e competências “não” desenvolvidas no processo educacional.

Essa condição desfavorável do ensino brasileiro vem retratada nas diferentes avaliações realizadas com alunos em território brasileiro. A exemplo disso, podemos citar os resultados do PISA¹ (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) que é uma avaliação internacional de habilidades e conhecimentos de jovens de 15 anos, que visa aferir até que ponto os alunos próximos do término da educação obrigatória adquiriram conhecimentos e habilidades essenciais para a participação efetiva na sociedade. Nos dados de 2000, cujo foco principal foi Leitura, o Brasil ficou em último lugar, com 396 pontos. Com esse resultado, o Brasil foi classificado no Nível 1 (entre 335 a 407). Os alunos que ficaram nessa escala são aqueles que apenas são capazes de *localizar informações explícitas em um texto, de reconhecer o tema principal ou a proposta do autor, de construir uma conexão simples entre uma informação expressa em um texto de uso cotidiano e outras já conhecidas.*²

Preocupados com essa realidade, propomo-nos, no doutorado, a realizar um trabalho que pudesse contribuir com a melhoria do ensino, no que diz respeito à abordagem do texto na escola. Neste artigo, em função do espaço,

¹ Informações disponíveis em <<http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/>>. Acesso em 14 jan 1990.

² Grifo nosso.

apresentamos apenas um recorte desse estudo, priorizando, assim, uma sugestão de aula de leitura, a partir do texto "Metonímia, ou a vingança do enganado", de Raquel de Queiroz, drama dividido em três quadros. Como instrumento teórico-metodológico, utilizamos a teoria Semiótica, de linha francesa e, como estratégia de segmentação textual, optamos pela montagem de Campos Lexicais, metodologia desenvolvida por Maurand (1992) e divulgada, no Brasil, por Limoli (1997, 2001, 2005). Apresentamos, abaixo, uma breve introdução a esses instrumentos teórico-metodológico que subsidiaram a análise e a segmentação do texto, nosso objeto de estudo. Em seguida, apresentamos as atividades, por nós aplicadas, em uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental, as quais estão pautadas na análise e segmentação textual, previamente desenvolvida.

Teoria Semiótica: Breve Introdução

A semiótica, teoria desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, tem na obra, *Semântica Estrutural*, seu marco inaugural. No Brasil, muitos autores vêm publicando trabalhos visando divulgar o projeto semiótico, dentre esses, destacam-se Diana Barros e José L. Fiorin. Dos autores, convém ressaltar as obras: *Teoria do discurso: fundamentos semióticos* (1988) e *Teoria semiótica do texto* (1990) de Diana Barros e *Elementos da análise do discurso* (1989) e *As astúcias da enunciação: categorias de pessoa, espaço e tempo* (1999) de José Luiz Fiorin, que visam explicar o arcabouço teórico da semiótica.

A semiótica insere-se entre as teorias que concebem o texto, e não mais a frase, como unidade de sentido. Conforme Barros (2005a, p.7), importa, para a semiótica, "descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz". O texto, no viés semiótico, deve ser entendido como objeto de significação e de comunicação entre sujeitos. "A primeira concepção de texto, entendido como *objeto de significação*, faz que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um todo de sentido". A concepção do texto, como objeto de comunicação entre

dois sujeitos, refere-se ao fato de o texto encontrar “seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas.” Portanto, o texto deve ser compreendido tanto como objeto de significação quanto objeto de comunicação.

A fim de explicar os sentidos dos textos, no que diz respeito ao plano do conteúdo, a semiótica faz uso do percurso gerativo do sentido. Esse percurso é compreendido como “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido” (FIORIN, 2006, p.20), num processo que vai do mais simples e abstrato, ao mais complexo e concreto.

Barros (2005a, p.9), ainda no que diz respeito ao percurso gerativo do sentido, sintetiza-o da seguinte forma:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Em suma, a semiótica utiliza-se do percurso gerativo para descrever os sentidos do texto, para tanto, trabalha com um nível fundamental, um nível narrativo e um nível discursivo. Esses níveis dão conta de explicar o sentido sendo que cada um desses níveis possui uma sintaxe e uma semântica. Ao perpassar por esses níveis, “busca-se *o quê*, mas por vias do *como*, não o sentido verdadeiro, mas, antes, o parecer verdadeiro, o simulacro; não a fragmentação do sentido, mas a totalidade, apreendida da unidade textual” (CORTINA; MARCHEZAN, 2004, p. 394).

Em relação à semântica do nível fundamental, o mais simples e abstrato, essa abriga as categorias semânticas que estão na base da construção de um texto, sendo que uma categoria semântica se fundamenta numa diferença,

numa oposição. No entanto, para que dois termos possam ser apreendidos conjuntamente, é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença. “Não opomos, por exemplo, /sensibilidade/ a /horizontalidade/, pois esses elementos não têm nada em comum. Contrapomos, no entanto, /masculinidade/ a /feminilidade/, pois ambos se situam no domínio da /sexualidade/” (FIORIN, 2006, p.22).

A sintaxe, do nível fundamental, abrange duas operações, a negação e a asserção. Ou seja: “na sucessividade de um texto, ocorrem essas duas operações, o que significa que, dada uma categoria tal que *a* versus *b*, podem aparecer as seguintes relações: a) afirmação de *a*, negação de *a*, afirmação de *b*; b) afirmação de *b*, negação de *b*, afirmação de *a*”. (FIORIN, 2006, p. 23).

Em relação ao nível narrativo, este diz respeito à narratividade que todo texto possui. A sintaxe narrativa simula o fazer do homem que transforma o mundo. Nesse nível há os enunciados de estado, os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto, e enunciados de fazer, os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro. As narrativas compreendem, ainda, quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. Na manipulação temos um sujeito que age sobre outro a fim de levá-lo a querer e/ou dever fazer algo. Já na fase da competência, o sujeito que vai realizar a transformação da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer. Caso contrário, não poderia completar a performance, que é a fase em que se dá a transformação, ou seja, a mudança de um estado a outro. Após a performance, há a sanção, nessa fase constata-se que a performance foi realizada e há, então, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação. Esse reconhecimento pode ser prêmio ou castigo.

A semântica, do nível narrativo diz respeito aos valores inscritos nos objetos. Numa narrativa há sempre dois tipos de objetos: os objetos modais (o querer, o dever, o saber e o poder fazer) elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal; e os objetos de valor, com os quais se entra em conjunção ou disjunção na performance principal.

No nível discursivo, mais precisamente, na sintaxe discursiva, opera-se sobre os mesmos elementos da narrativa, observando, no entanto, fatores que foram dispensados na análise da narrativa, como as projeções da enunciação no enunciado, os recursos de persuasão utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário ou, ainda, a cobertura figurativa dos conteúdos narrativos abstratos.

Cabe à sintaxe do discurso explicar as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e, também, as relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário. O discurso define-se, ao mesmo tempo, como objeto produzido pelo sujeito da enunciação e como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário. (BARROS, 2005, p. 54).

Na semântica discursiva, há a tematização e figurativização do discurso. É a semântica discursiva que reveste e, por isso, concretiza as mudanças de estado do nível narrativo. Assim, tematização e figurativização são dois níveis de concretização do sentido. Conforme Fiorin (2006, p.41), "todos os textos tematizam o nível narrativo e, depois, esse nível temático poderá ou não ser figurativizado".

Em suma, o percurso gerativo do sentido compreende três etapas, o fundamental, o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis discute aspectos relacionados a uma sintaxe e a uma semântica.

Os Campos Lexicais: Uma Estratégia de Segmentação

Os campos lexicais, proposta metodológica desenvolvida por Maurand (1992), divulgada no Brasil por Limoli (1997, 2001, 2005), consistem no agrupamento de um conjunto de lexemas de um texto, desde que nesse grupo haja pelo menos um traço, um sema comum. "Esse mesmo traço mínimo de significação, ou sema, deve servir de denominação ou hiperônimo para o conjunto, cujos elementos serão chamados de hipônimos" (LIMOLI, 1997, p.25).

De acordo com Limoli (1997, 2005), na montagem dos campos lexicais, além da hiperonímia, há outra relação de sentido que contribui para a

complementaridade da significação global do texto, a polissemia. Isso quer dizer que uma mesma palavra pode figurar em dois campos lexicais diferentes, em função do caráter, das características polissêmicas que as palavras possuem. A autora destaca, ainda, que algumas vezes o agrupamento de determinadas palavras em campos específicos pode provocar questionamentos quanto à sua pertinência ou não àquele campo. Isso, entretanto, pode ser facilmente explicado uma vez que as palavras reunidas nos campos são tomadas não em situação de dicionário, mas organizadas levando-se em consideração o contexto em que elas estão inseridas.

A segmentação, a montagem do campo lexical pode ser iniciada, em qualquer texto, com hiperônimos mais recorrentes, como: a) tempo, espaço, atores; b) categoria sensorial: gustativo, visual, auditivo, tátil; c) vida *versus* morte; d) alegria *versus* tristeza . Apesar de alguns agrupamentos serem mais prováveis nos textos, como os citados acima, é o texto que vai direcionar os campos lexicais possíveis. De acordo com Limoli (1997, p.36), "a decomposição do texto-objeto em campos lexicais é o primeiro passo para a exploração dos componentes do texto". A montagem dos campos lexicais é um instrumento auxiliar de análise, cujo objetivo não se situa no léxico, mas nas relações semânticas entre os diferentes sememas presentes no discurso.

Ao percorrer o texto, a fim de montar os campos lexicais, o analista executa uma varredura nesse texto, o que propicia uma prática de releitura. Conforme Limoli (1997, 2005), esse contato com a organização discursiva do texto, ou melhor, essa prática metodológica de reconstruir a figurativização de um objeto de análise, leva, encaminha o analista para dentro desse texto. Isso faz com que o analista trabalhe com a materialidade, a concretude textual, percebendo que os sentidos se constroem a partir dessa figurativização. Em se tratando do universo escolar, o que se pretende com a prática da organização dos campos lexicais é evitar a leitura construída, calcada no "achismo" dos educandos, como acontece, muitas vezes, na escola. Essa metodologia de segmentação visa contrapor-se ao modelo de leitura adotado, muitas vezes, no

contexto escolar, ou seja, quando o aluno, após uma leitura superficial responde as perguntas sugeridas pelo autor do livro didático.

Convém destacar, como sugere Limoli (1997), que o trabalho com os campos lexicais, em sala de aula, trará resultados desiguais. Isso porque nem sempre há um consenso no que se refere aos hiperônimos e a repartição dos campos, e, muitas vezes, a própria composição, ou seja, os hipônimos dos campos diferem de um aluno para outro. Tal fato se dá porque esse modelo de segmentação textual aponta para uma subjetividade, no entanto, o caráter medianamente subjetivo não diminui a validade do processo. A autora ressalta, ainda, que a prática da montagem dos campos é uma etapa puramente operatória, e dela serão retidos apenas resultados coincidentes.

Nossa proposta de trabalho, descrita abaixo, diz respeito à segmentação e análise semiótica de parte do texto de Raquel de Queiroz, ou seja, apenas do conto, que está no quadro I, conforme destacado no texto anexo.

A Segmentação do Texto: "Metonímia, ou a Vingança do Enganado"³

Como dito acima, a segmentação de um texto tem um caráter subjetivo e, por isso mesmo, a montagem dos Campos Lexicais deve ser encarada como uma possibilidade, e não como algo certo e definitivo. É lógico que a própria significação das palavras possibilita a recorrência de determinados campos léxicos. Sendo assim, apresentamos, abaixo, alguns agrupamentos possíveis, bem como uma análise/discussão desses campos elaborados. Em função do espaço, nem todos os agrupamentos, em torno do texto analisado, serão apresentados.

I – ENQUADRAMENTO SITUACIONAL			
ACTORIALIDADE	TEMPORALIDADE	ESPACIALIDADE	GEOGRÁFICA
- Homem (3x) - Ele - Eu - Moça - Ela (2x)	- Em moço - Para sempre - Oito horas - Antes do tempo - Hora de ir	- Onde (2x) - Lugar - O local - Numa oficina de roupas de homem	- Numa cidade do interior (2x) - No Ceará - Em Pernambuco

³ Parte dessa proposta de segmentação textual foi apresentada no CELLIP/2009.

<ul style="list-style-type: none"> - Prezado amigo (marido) - Sei (eu) (2x) - Cara de tísica (ela) - O marido - Mudou (ela) - Mal fechava (marido) - Um sargento 		<ul style="list-style-type: none"> - À mesa de costura - Em casa sua - Nos lugares - Na cadeira preguiçosa - Para a cama - Foi aí 	<ul style="list-style-type: none"> - No Pará - Em São Paulo (2x)
---	--	---	--

Fonte: "Metonímia, ou a vingança do enganado: quadro I" de Raquel de Queiroz

Quadro 1 – Levantamento dos Campos Lexicais 1

II – SENSORIAL		
VISUAL	GUSTATIVO	TÁTIL
<ul style="list-style-type: none"> - Cor terrosa - Olhar vidrado - As cores - Amarelo 	<ul style="list-style-type: none"> - Boa nutrição - Comer bem - A boa carne fresca - O seu bom tutu - A sua salada de pepino - Os doces de lata - As doces laranjas da serra - Tomava a janta de leite - Carne - Insossa - Morna - Ité 	<ul style="list-style-type: none"> - Morna

Fonte: "Metonímia, ou a vingança do enganado: quadro I" de Raquel de Queiroz

Quadro 2 – Levantamento dos Campos Lexicais 2

III - POSSE	X	PRIVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - Tinha (3x) - Algumas posses - Casa própria com loja contígua - Instalara o armazém - O armazém (2x) - Bodega (2x) - Venda - Mercearia - Empório (2x) - Comércio - Tem comércio - Tem dinheiro - Nosso - Oficina de roupas de homem - Em casa sua 		<ul style="list-style-type: none"> - Pobre - Operária - Trabalho - Mesa de costura - Não tinha nada

<ul style="list-style-type: none"> - Comprava aos centos - Freguesia - Afluência do dinheiro 	
---	--

Fonte: "Metonímia, ou a vingança do enganado: quadro I" de Raquel de Queiroz

Quadro 3 – Levantamento dos Campos Lexicais 3

IV - VIVACIDADE	X	DECADÊNCIA
<ul style="list-style-type: none"> - Moça - Em moço - Vivesse 		<ul style="list-style-type: none"> - Velho - Pior que velho - Gasto - Sofrera de beribéri - Arruinou - Pernas fracas - O peito cansado - Asmático - A cor terrosa - Olhar vidrado - Doente crônico - Mal ajambrado - Marido enfermiço - Envelhecido antes do tempo - Corpo franzino - Amarelo - Lhe pesar

Fonte: "Metonímia, ou a vingança do enganado: quadro I" de Raquel de Queiroz

Quadro 4 – Levantamento dos Campos Lexicais 4

V - BELO	X	FEIO
<ul style="list-style-type: none"> - Encantada - Vestir-se bem - Se pintar - Ondular o cabelo - Usar engenho e arte - Nada de feia - Assim bela - Assim vestida - Assim pintada e formosa 		<ul style="list-style-type: none"> - Nenhuma beldade - Magrinha - Cara de tísica (2x) - Feia - Corpo franzino - Amarelo - Mal ajambrado

Fonte: "Metonímia, ou a vingança do enganado: quadro I" de Raquel de Queiroz

Quadro 5 – Levantamento dos Campos Lexicais 5

VI - INTENSIDADE	
<ul style="list-style-type: none"> - Pior que velho - Para sempre - tão mal-ajambrado - Diziam até que - Ainda mais que 	<ul style="list-style-type: none"> - Assim bela - Assim vestida - Assim pintada e formosa - Lhe pesar - Até mesmo

- Grande coisa	
----------------	--

Fonte: "Metonímia, ou a vingança do enganado: quadro I" de Raquel de Queiroz

Quadro 6 – Levantamento dos Campos Lexicais 6

VII – TRANSFORMAÇÃO	
- Os efeitos da boa nutrição	- Afluência do dinheiro
- Casou	- Assim bela
- Livrando-se	- Assim vestida
- Passando a comer bem	- Assim pintada e formosa
- Mudou como se fosse encantada	- Começou
- Começou a botar corpo	- Saiu
- Aumentar as polegadas	- Primeira intervenção
- Estava crescendo	- Suscitou
- Aumentar os dotes naturais	

Fonte: "Metonímia, ou a vingança do enganado: quadro I" de Raquel de Queiroz

Quadro 7 – Levantamento dos Campos Lexicais 7

VIII – LAZER	
- Pegava o jornal	- Cinema
- Sentava na cadeira preguiçosa	- Futebol
- Por amor	- Rádio
- Pedir amores	- Convivência morna, insossa, ité

Fonte: "Metonímia, ou a vingança do enganado: quadro I" de Raquel de Queiroz

QUADRO 8 – Levantamento dos Campos Lexicais 8

Comentários sobre os Campos Lexicais

Maurand (1992, apud Limoli (1997), sugere que após a organização, o levantamento dos campos lexicais, seja elaborada uma justificativa dos diferentes campos e de sua composição. Essa justificativa tem, entre outros objetivos, o de explicitar a escolha e a classificação de alguns lexemas, principalmente nos casos em que a seleção não se justifique fora do contexto analítico.

Conforme Limoli (1997, 2001, 2005), os campos da *espacialidade*, *temporalidade* e *actorialidade* estão sempre presentes na organização discursiva de qualquer texto, por isso é pertinente começar a discussão por tais agrupamentos.

Os lexemas descritos no hiperônimo da *actorialidade* marcam uma indeterminação, uma não referência a nomes dos sujeitos da narrativa. O narrador opta por não especificar tais sujeitos, daí os hipônimos “um homem”, “a moça”, “o marido”, “ela”, “um sargento”. Essa escolha pela generalidade, e não pela especificidade, dá-se, também, em relação à ancoragem da *espacialidade*, haja vista que os lexemas escolhidos visam a não identificação de um local, um espaço específico onde os fatos se deram, “numa cidade do interior”, “Ceará”, “São Paulo”, “Pernambuco”, “Pará”. Os lexemas, que marcam um espaço geográfico, visam despistar o leitor, confundi-lo sobre um local em específico, tanto que o próprio narrador diz ser essa sua intenção. Em relação à hiperonímia *temporalidade*, os hipônimos que ancoram, marcam o tempo também apontam para a generalidade “em moço”, “para sempre”, “antes do tempo”. A forma como o enunciador ancora os fatos no que diz respeito à *actorialidade*, *espacialidade* e *temporalidade* reitera a ideia da indeterminação, já que não há uma iconização de nome dos sujeitos, nem de data e, ainda, de espaço. No caso da espacialidade, há iconização, uma referência a diferentes Estados, o que corrobora com a não identificação.

Quanto ao enquadramento *sensorial*, há três hiperônimos *visual*, *gustativo* e *tátil* recorrentes no texto, sendo que o campo *gustativo* traz um número bem maior de hipônimos, “boa nutrição”, “boa carne fresca”, “o seu bom tutu”, “carne”, “os doces de lata”, “comer bem”. Esse campo aponta para uma transformação da narrativa, a mulher, que antes não desfrutava de boa alimentação, depois de casada, passa a viver em conjunção de uma boa alimentação. É essa boa alimentação que resultará numa transformação física desse sujeito, já que passará de cara-de-tísica a moça bela e formosa. Já o campo *visual* traz hipônimos que demonstram a aparência física do homem, “cor terrosa”, “olhar vidrado”, “amarelo”. Diferentemente desses dois campos, o *tátil* traz apenas uma figura, “morna”, o que demonstra que, nesse primeiro quadro, as transformações estão relacionadas ao *visual* e ao *gustativo*.

Relacionado, ainda, ao campo *gustativo* está o campo da *posse*. É possível observar, a partir dos hipônimos da posse, figuras que apontam para

um sujeito homem em conjunção com a riqueza, “mercearia”, “comércio”, “comprava aos centos”, “em casa sua”, “afluência do dinheiro”. Com o casamento, a mulher também entra em conjunção com a riqueza, por isso passa a comer bem, o que justifica tantos lexemas no campo *gustativo*. Os hipônimos do campo da *privação*, “pobre”, “operária”, “trabalho”, “não tinha nada”, apontam para o estado da mulher antes da transformação da narrativa, ou seja, antes do casamento quando ela ainda não estava em conjunção com a riqueza.

Assim como os campos *gustativo* e *posses* relacionam-se, outros agrupamentos têm relação com tais hiperônimos, como o campo lexical *transformação* e, ainda, *belo versus feio*. Como dito acima, depois de casada a mulher entra em conjunção com a riqueza, como reiteram as figuras do campo das *posses*. Nessa nova condição, a mulher passa a se alimentar bem, como justificam as figuras do campo *gustativo*, e isso a leva a transformar-se em uma mulher mais bonita “mudou como se fosse encantada”, “começou a botar corpo”, “estava crescendo”, “aumentar os dotes naturais”, entre outros lexemas do campo *transformação*. Essa mudança física faz com que a mulher saia de condição de “magrinha”, “cara de tísica” e “feia” passando a moça bonita, “assim bela”, “assim vestida”, “nada de feia”, “assim pintada e formosa”, como observado no campo *belo versus feio*. Esse último hiperônimo, *feio*, também traz figuras que caracteriza o homem, “corpo franzino”, “amarelo” e “mal ajambrado”.

As figuras do campo *transformação* apontam para outro campo, a *intensidade*. Esses campos não se contrapõem, apenas evidenciam que as mudanças no aspecto físico do sujeito mulher foram intensas, “assim bela”, “assim vestida”, “assim pintada e formosa”. O campo *intensidade* se relaciona, também, com o campo *belo versus feio*, afinal, o marido não era apenas um homem feio, mal-ajambrado, mas sim, “tão mal-ajambrado”, “pior que velho”.

Outro campo lexical pertinente à compreensão do texto diz respeito aos hiperônimos *vivacidade versus decadência*. Desse campo lexical convém destacar o hiperônimo *decadência*. Esse traz um rol de lexemas relacionados à

saúde, ao bem estar do marido, “pernas fracas”, “o peito cansado”, “asmático”, “doente crônico”, “envelhecido antes do tempo”, “corpo franzino”, “amarelo”. Essas figuras reiteram que a mulher se casa com um homem de posses, no entanto, um homem envelhecido antes do tempo, com aspecto decadente. Ela, que também era magrinha e tinha cara-de-tísica, passa a conviver no conforto, a comer bem, daí ter-se transformado numa mulher mais bela, enquanto o marido permanece em seu estado inicial, ou seja, feio e decadente.

No hiperônimo *lazer* há hipônimos que dizem respeito às ações, descontrações, ao lazer propriamente dito, oferecido à esposa pelo marido, “sentava na cadeira preguiçosa”, “por amor não se interessava”, “convivência morna”, “insossa”, “ité”. Na narrativa, é essa falta de lazer, apenas uma convivência morna, sem afetos, carinhos, amor, que vai alterar a competência modal da esposa, ou seja, ela passa a *querer* desfrutar de uma vida não propiciada pelo marido.

Além desses campos, comentados acima, outros foram levantados, no entanto, optamos por discutir apenas os agrupamentos utilizados na elaboração das atividades. Esperamos que, ao organizarem o texto em campos lexicais, os alunos percebam a relação da organização figurativa do texto com as transformações, as mudanças de estados ocorridas na narrativa. É, nosso intuito ainda: que a montagem dos campos não seja uma atividade puramente mecânica; que os alunos percebam as relações entre os diferentes campos; que os alunos saibam perceber que a reincidência de figuras, num único hiperônimo, não é aleatória, mas importante para a compreensão do texto.

Análise Semiótica: o Conto no Viés da Sintaxe e da Semântica Narrativa

Há, nessa primeira etapa do texto, um homem, sujeito₁, que vivia num estado de disjunção da vivacidade e da beleza. Essa relação de disjunção, entre sujeito e objeto-valor, diz respeito à beribéri, doença tida pelo homem quando ainda era moço, *o que lhe arruinou para sempre o futuro*. A ausência de

vivacidade está reiterada nas figuras *pernas fracas, o peito cansado e asmático, a cor terrosa, o olhar vidrado de doente crônico*. Por isso, mesmo não sendo um homem velho, era *pior que velho, porque era gasto*. Esse aspecto decadente o colocava numa relação de disjunção da vivacidade e, conseqüentemente, da beleza.

S_1 (homem) \cup O_v (vivacidade, beleza)

Esse mesmo sujeito, que tem uma relação de disjunção com a vivacidade e a beleza, vive em conjunção com a riqueza, pois *era homem de algumas posses, possuía casa própria com loja contígua, onde instalara o armazém, e quem tem comércio tem dinheiro*.

S_1 (homem) \cap O_v (riqueza)

Como no decorrer do texto o homem, sujeito₁, casa-se, é possível inferir um outro enunciado de estado, uma relação de disjunção desse sujeito com uma companheira, uma esposa.

S_1 (homem) \cup O_v (companheira)

O casamento desse homem, sujeito₁, é a primeira transformação da narrativa. No entanto, para que fosse possível a realização do casamento, era necessário, além do homem, um outro sujeito, uma mulher pré-disposta a casar-se com ele. Essa mulher, entretanto, não poderia ser qualquer uma, pois deveria ser alguém que se interessasse por um homem, que, apesar de estar em conjunção com a riqueza, vivia disjunto da vivacidade e beleza.

A mulher, escolhida pelo homem para ser manipulada a *querer* casar-se com ele, era *moça pobre, magrinha, operária numa oficina de roupas de homem*. Como trabalhava de operária, numa fábrica de roupas de homem, vivia em disjunção da riqueza, do conforto e, por isso mesmo, tinha um aspecto mal cuidado, de mal alimentada. A condição de vida, a falta das posses e de uma

boa alimentação a colocavam num estado de disjunção da beleza, daí sua aparência estar figurativizada como mulher *magrinha*, com *cara de tísica*, ou ainda, como *nenhuma beldade*.

S_2 (mulher) \cup O_v (riqueza)

S_2 (mulher) \cup O_v (beleza)

A partir do perfil da moça, a quem o homem procura para se casar, é possível pressupor que o homem, no papel actancial de destinador-manipulador, manipula a moça, no papel actancial de destinatário, por tentação. Ou seja, como não era jovem, saudável e belo, o que ele tem a oferecer a uma companheira é uma vida em conforto financeiro, cujas posses poderiam proporcionar. Interessante destacar que o destinador-manipulador, consciente do que tem a oferecer ao destinatário, não procura por moça bela, rica, mas sim, por moça pobre, magrinha a qual ele julga poder se interessar pelo que tem a oferecer, ou seja, suas posses. Cabe à mulher, no papel de destinatário, analisar e julgar a proposta do destinador-manipulador; e, como a moça se casa, fica explícito que lhe interessava esse marido.

O sucesso da manipulação aponta para as modalizações que tornaram a mulher, no papel de destinatário, competentes para realizar a performance. Ela que já *podia*, pois era solteira, com a manipulação passa a *querer* se casar. Como *pode* e *quer*, ela é competente para realizar a performance. O casamento concretiza o percurso da ação.

Com o casamento o sujeito₁ e o sujeito₂ têm seus estados iniciais, de disjunção de um cônjuge, alterados. Tanto para o homem quanto para a mulher a transformação é de aquisição ou, ainda, de liquidação da privação. Sendo assim, o homem, sujeito₁, e a mulher, sujeito₂, são sujeitos realizados, pois ao realizarem um fazer, adquirem, por conjunção, o objeto-valor.

PN₁

F: (casar-se) [S_1 (homem) \rightarrow S_2 (mulher) \cap O_v (cônjuge/companheiro)]

F: (casar-se) [S_2 (mulher) \rightarrow S_1 (homem) \cap O_v (cônjuge/companheira)]

Essa transformação da narrativa acarretará, ainda, em outras mudanças de estados. A mulher, que antes do casamento era operária e que vivia numa relação disjunta da riqueza e do conforto, depois de casada passa a desfrutar dos bens do marido, com isso, entra em conjunção com a riqueza. Ou seja, agora, em sua casa, deixa a vida de operária e passa a comer bem, a viver no conforto, como indicam as figuras: *a boa carne fresca, o seu bom tutu, a sua salada de pepino, os doces de lata, as doces laranjas da serra que o marido comprava aos cento para a freguesia.*

S_2 (mulher) \cap O_v (riqueza)

Além dessa mudança de estado há outra, pois a boa alimentação e o novo estilo de vida causam alterações na aparência física da mulher, tanto que ela mudou como se tivesse sido encantada. *Começou a botar corpo, a aumentar as polegadas nos lugares certos - parece até que estava crescendo.* Além de a boa alimentação propiciar uma mudança física, a mulher, *com a afluência do dinheiro, deu para se vestir bem, se pintar, ondular o cabelo, usar engenho e arte a fim de aumentar os dotes naturais,* o que a colocou numa relação de conjunção com a beleza.

S_2 (mulher) \cap O_v (beleza)

Em relação ao sujeito₁, após o casamento, o homem tem apenas o seu estado de disjunção de uma companheira alterado, os demais estados permanecem os mesmos. Todavia, com o matrimônio, a mulher tem todos os seus estados iniciais, de disjunção, alterados para uma relação de conjunção, ou seja, a mulher, ao entrar em conjunção com um companheiro, conseqüentemente, entra em conjunção com a riqueza desse companheiro, e de posse dessa riqueza, entra em conjunção com a beleza.

Apesar de estar recebendo do destinador-manipulador, o esposo, as recompensas oferecidas no programa de manipulação, a mulher começa a

demonstrar uma insatisfação em relação ao cônjuge, mais precisamente, ao tipo de convivência propiciada pelo seu marido. Pois, além das posses, do conforto e da boa alimentação, a única coisa que o homem proporcionava à esposa era *uma convivência morna, insossa, ité*. Era um marido com restrições alimentares e que não tinha atividades de lazer, não se interessava por cinema, rádio e nem por futebol. Além do desinteresse por atividades de lazer, ele também não se interessava por amor. O próprio porte físico do marido, *corpo franzino, amarelo não era de pedir amores*, ou melhor, não despertava na esposa desejos amorosos. Não há afetividade no casamento, o marido oferece, à esposa apenas o objeto-valor, riqueza, figurativizada pelo conforto, boa alimentação.

A insatisfação da esposa com essa convivência sem lazer, sem um relacionamento íntimo e afetivo, demonstra que a mulher buscava outro objeto-valor no casamento, não proporcionado até então pelo marido, por isso, *começou a lhe pesar o marido enfermiço, envelhecido antes do tempo*. É nesse contexto que suscita um sargento.

Nesse primeiro programa narrativo foi possível reconstituir apenas o percurso da manipulação e o da ação, como vimos acima. Quanto ao percurso da sanção, esse ocorre no final do texto, mais especificamente, no quadro III, o qual não está sendo discutido nesse artigo.

Atividades Propostas: uma Sugestão de Encaminhamento de Aula de Leitura

Como dito anteriormente, as atividades, sugeridas abaixo, foram desenvolvidas por nós em fase de intervenção de nossa pesquisa. Nossa proposta é que, após a leitura do texto, os alunos refizessem, montassem os Campos Lexicais, possibilitando, assim, um momento de interação do aluno com o texto. Após a montagem desses agrupamentos, perpassando por toda a organização figurativa do texto, os alunos deveriam responder às questões de

leitura e interpretação do texto. Essas questões retomaram as discussões empreendidas, quando da análise semiótica do conto.

1 – Observe as sugestões abaixo sobre possíveis hiperônimos, ou seja, prováveis agrupamentos de campos lexicais. Faça uma releitura do texto encontrando hipônimos, palavras que se relacionem, que digam respeito aos hiperônimos sugeridos.

Levantamento dos Campos Lexicais 1

I – ENQUADRAMENTO SITUACIONAL		
ACTORIALIDADE	TEMPORALIDADE	ESPACIALIDADE

Levantamento dos Campos Lexicais 2

II – SENSORIAL	
VISUAL	GUSTATIVO

Levantamento dos Campos Lexicais 3

III - POSSE	X	PRIVAÇÃO

Levantamento dos Campos Lexicais 4

IV - VIVACIDADE	X	DECADÊNCIA

Levantamento dos Campos Lexicais 5

V - BELO	X	FEIO

Levantamento dos Campos Lexicais 6

VI - INTENSIDADE	

Levantamento dos Campos Lexicais 7

VII - TRANSFORMAÇÃO	

Levantamento dos Campos Lexicais 8

VIII – LAZER	

2 - Após a montagem dos campos lexicais, responda:

- a) Com base no primeiro campo lexical, o "enquadramento situacional", quais são os personagens do texto, ou melhor, do conto? Onde se dão os fatos?
- b) A partir dos campos lexicais "vivacidade x decadência" e "belo x feio", caracterize o sujeito homem.
- c) Considerando os campos lexicais "vivacidade x decadência" e "belo x feio", descreva o sujeito, mulher, antes do casamento.
- d) Um dos campos lexicais refere-se à "posse x privação". Com base nesse campo lexical, responda:
- Como era a situação financeira do homem?
 - Antes do casamento, como era a situação financeira da mulher?
 - Em relação às posses, o que muda na vida da mulher depois de casada?
- e) Em relação à transformação da narrativa, ou seja, o casamento, responda:
- Por que o homem deve ter procurado moça pobre, operária para se casar?
 - Como o homem deve ter manipulado, levado a moça a *querer* casar-se com ele?
- f) Considerando o campo lexical "gustativo", como fica a alimentação da esposa depois do casamento?
- g) Qual a possível relação entre os campos lexicais "gustativo", "transformação" e "belo x feio" no que diz respeito ao percurso da mulher no texto?
- h) O campo lexical "intensidade" traz figuras, hipônimos, ou seja, palavras que evidenciam uma mudança física. Quem muda fisicamente depois do casamento, o homem ou a esposa?
- i) Com o casamento, que mudanças ocorrem na vida da mulher e do marido?
- j) O campo lexical "lazer" diz respeito às atividades dos momentos livres do casal. O que o marido proporcionava à esposa em termos de lazer? Como era a convivência dos dois?
- l) A mulher, pela convivência, pela relação que tinha estabelecida com o marido, parece feliz?
- m) O narrador afirma, no texto, que a mulher, depois de bela e formosa, começou a sentir o peso do marido enfermo. Na sequência ele diz que suscitou um sargento. O que você acha que vai acontecer?

Análise e Discussão dos Dados

Em relação ao nosso encaminhamento metodológico, após a leitura do texto, propusemos aos alunos a montagem dos Campos Lexicais. Por ser uma metodologia nova para os alunos, realizamos parte da proposta em conjunto com os educandos. No entanto, percebemos que a montagem dos agrupamentos foi tranquila e os alunos, em duplas, elaboraram com habilidade e rapidez os Campos Lexicais. É certo que os agrupamentos não saíram idênticos, mas a discussão em torno das semelhanças e diferenças desses Campos, propiciou um momento de interação dos alunos com o texto, mediados pelo professor. Em relação ao segundo exercício, os alunos, após comentários das questões, realizaram a atividade sozinhos. Pode-se dizer que os alunos conseguiram responder, sem dificuldades, a todas as perguntas. Pelo que observamos, os agrupamentos facilitaram, e muito, na execução da tarefa, isso porque os alunos já haviam percorrido por todo o texto.

Apenas para ilustrar, apresentamos um exemplo de um campo lexical, elaborado por uma dupla de alunos, bem como a resposta dada, por essa mesma dupla, a uma questão formulada com base nesse agrupamento.

Levantamento dos Campos Lexicais 3⁴

III - POSSE	X PRIVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Algumas posses;</i> - <i>Casa própria;</i> - <i>Loja contígua;</i> - <i>O armazém;</i> - <i>Bodega;</i> - <i>Mercearia;</i> - <i>Empório;</i> - <i>Bodega;</i> - <i>Empório;</i> - <i>Comércio;</i> - <i>Dinheiro;</i> - <i>Comércio;</i> - <i>Nosso</i> - <i>Freguesia;</i> - <i>Armazém.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Moça pobre.</i>

⁴ A sugestão de Campo Lexical e as questões respondidas foram extraídas das atividades descritas acima.

d) Um dos campos lexicais refere-se à "posse x privação". Com base nesse campo lexical, responda:

1) Como era a situação financeira do homem?

R. *Ele tinha uma boa situação financeira, pois tinha posses, casa própria, loja contígua.*

2) Antes do casamento, como era a situação financeira da mulher?

R. *Ela tinha uma situação financeira pobre.*

3) Em relação às posses, o que muda na vida da mulher depois de casada?

R. *Com a influência⁵ do dinheiro deu para se vestir bem, se pintar, ondular o cabelo, etc...*

É possível observar, nas respostas das questões, a utilização de figuras retiradas dos campos lexicais. Na primeira questão, os alunos, ao falar das posses, buscam no campo lexical os hipônimos "casa própria" e "loja contígua". Já na segunda questão, observa-se a figura "pobre", retirada do campo lexical. Esse hipônimo, no entanto, é utilizado na frase sem muita preocupação com a coerência, por isso temos: *situação financeira pobre*. Em relação à última questão, o uso de figuras como "se vestir bem", "se pintar", "ondular o cabelo" são retiradas de outro campo lexical, mas utilizadas, oportunamente, nesta resposta. Os alunos conseguem fazer isso porque, como dito acima, já percorreram por todo o texto durante o processo de segmentação.

Considerações Finais

Nosso intuito, ao desenvolver as atividades acima, foi o de observar a relação dos alunos com essa metodologia de trabalho, que alia a montagem dos Campos Lexicais e a Teoria Semiótica. Pelo que pudemos observar, os alunos não apresentaram dificuldades, pelo contrário, eles realizaram os exercícios com facilidade. Isso nos leva a afirmar que a Semiótica pode ser utilizada, pelos professores, na elaboração de atividade de leitura em sala de aula. Em relação aos Campos Lexicais, essa segmentação pode contribuir no processo de interação do aluno com o texto.

⁵ O certo seria *afluência* do dinheiro.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2005a. Publicação original 1990.

_____. *Teoria do discurso*. São Paulo: Atual, 1988.

CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho. Teoria semiótica: a questão do sentido. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004, vol.3, p.393-438.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 14.ed. São Paulo: Contexto, 2006. Publicação original 1989.

_____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999a.

_____. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *DELTA*. v.15, n.1. São Paulo, fev./jul. 1999b.

LIMOLI, Loredana. *Leitura semiolingüística do conto 'O Búfalo' de Clarice Lispector*. UNESP/ASSIS: Tese de doutorado, 1997.

_____; GIACHINI NETO, Emílio. Semiolingüística e leitura do texto literário. *Boletim do Centro de Letras e Ciências Humanas*. UEL, p.151-166, jul-dez 2001.

_____. et. al. Leitura do texto poético: uma abordagem semiótica. *Mosaicos*. UEMS, ano 1, n.1, p.75-86, 2005.

ANEXO

Metonímia, ou a vingança do enganado (Drama em três quadros)

Quadro I

Metonímia – a palavra me ficou na memória desde o ano de 1930, quando publiquei o meu livro de estréia, aquele romance de seca chamado O quinze. Um crítico, examinando a obrinha, censurava-me porque, em certo trecho da história, eu falava que o galã saíra a andar “com o peito entreaberto na blusa”. “Que disparate é esse?”, indagava o sensato homem. “Deve-se dizer é: blusa entreaberta no peito”. Aceitei a correção com humildade e acanhamento, mas aí o meu ilustre professor de Latim, Dr. Matos Peixoto, acudiu em meu consolo. Que estava direito como eu escrevera; que na minha frase eu utilizara uma figura de retórica, a chamada metonímia – tropo que consiste em transladar a palavra de seu sentido natural da causa para o efeito, ou do continente para o conteúdo. E citava o exemplo clássico: “taça espumante” – continente pelo conteúdo, pois não é a taça que espuma e sim o vinho. Assim sendo, “peito entreaberto” estava certo, era um simples emprego de metonímia. E juntos, numa nota de jornal, meu mestre e eu silenciámos o crítico. Não sei se o zoilo aprendeu a lição. Eu fui que a não esqueci mais. Volta e meia lá aplico a metonímia – acho mesmo que é ela a minha única ligação com a velha retórica.

Faz pouco tempo, por exemplo, dei com uma ocorrência de metonímia prática: certa senhora nossa conhecida, há anos hospedada numa pensão, saiu de repente da casa e passou a ser inimiga mortal da senhoria. Indagada da gente por que aquela inimizade repentina, quando todos sabíamos que a dona da pensão era boa alma, lhe dava injeções, lhe emprestava a bolsa de água quente e a acudia nos seus acessos cardíacos, a ofendida explicou:

- O que eu não perdôo a ela é o telefone. Todo dia o telefone da copa me chamava - eu ia ver, era trote.

- Mas não era ela que dava trote!

- Não. Mas de quem era o telefone?

Agora sei de outro caso de metonímia aplicada, que ainda é mais importante, pois se trata de caso de crime. Relação de causa e efeito, ou mesmo culpar o continente pelo conteúdo – qualquer dos dois está certo.

Assim pois aconteceu numa cidade do interior – não conto onde, para não dar lugar a maledicência. Diga o pecado mas não diga o pecador.

Pois nessa cidade do interior havia um homem; não era velho, mas pior que velho, porque era gasto. Em moço sofrera de beribéri, o que lhe arruinou para sempre o futuro. Tinha as pernas fracas, o peito cansado e asmático, a cor terrosa, o olhar vidrado de doente crônico. Contudo era homem de algumas posses, casa própria com loja contígua, onde instalara o armazém; vivesse ele no Ceará, o armazém se chamaria bodega, em Pernambuco venda, no Pará mercearia, em São Paulo empório. E já que eu não quero designar o local do

crime, qualquer nome desses serve. Bodega ou empório, era comércio, e quem tem comércio tem dinheiro; de jeito que, apesar de tão mal-ajambrado, o nosso homem casou. Justiça se faça que não tentou a Deus com nenhuma beldade: procurou moça pobre, magrinha, operária numa oficina de roupas de homem. Diziam até que ela tinha cara de tísica. Mas não contava o prezado amigo com os efeitos da boa nutrição no metabolismo feminino. Sei que a cara-de-tísica, livrando-se das oito horas de trabalho à mesa de costura, passando a comer bem, em casa sua, a boa carne fresca, o seu bom tutu, a sua salada de pepino, os doces de lata, as doces laranjas da serra que o marido comprava aos centos para a freguesia, mudou como se fosse encantada. Começou a botar corpo, a aumentar as polegadas nos lugares certos – parece até que estava crescendo. E as cores do rosto, então! Ainda mais que, com a afluência do dinheiro, deu para se vestir bem, se pintar, ondular o cabelo, usar engenho e arte a fim de aumentar os dotes naturais, pois não sei se contei que, de cara mesmo, ela não tinha nada de feia.

E assim bela e assim vestida e assim pintada e formosa, começou a lhe pesar o marido enfermigo, envelhecido antes do tempo. Que, mal fechava o armazém, tomava a janta de leite (tinha cisma de carne), pegava o jornal, sentava na cadeira-preguiçosa até a hora de ir para a cama. Não queria saber de cinema, nem de futebol, nem sequer de rádio. Até mesmo por amor não se interessava grande coisa, que aquele corpo franzino, amarelo, não era de pedir amores. Só a convivência morna, insossa, ité, como se diz em São Paulo.

E foi aí que o destino saiu dos seus cuidados e fez a primeira intervenção: suscitou um sargento.

Recebido em setembro de 2009.

Aceito em janeiro de 2010.